

A moeda de D. Antonio cunhada em Gorcum

Em 1903 o editor Johannes Müller, de Amsterdam, publicou *La monnaie du roi Antoine de Portugal à Gorichem (Gorcum)*, por L. M. Rollin Couquerque. É um livro com 161 pags. de texto e 80 pags. com varios documentos ineditos, que o originaram, 15 em hollandês, 7 em francês e 1 em italiano. Impresso com luxo e esmero, é illustrado com duas estampas phototypicas que mostram typos figurados no vol. I das *Moedas de Portugal*, por Teixeira de Aragão, estampas XXVIII e XXIX.

O autor começa por examinar as causas complexas que tornaram prospera a situação monetaria da Hollanda nos fins do seculo XVI, mesmo através de contrariedades, movidas por cambistas sem escrúpulos e pelos fabricantes de moeda falsa estrangeira, que ali circulava.

O commercio entre Portugal e aquelle país era então muito importante, apesar das guerras com a Hespanha, mantido principalmente por Judeus portugueses, descendentes d'aquelles que ali procuraram refugio na epoca nefasta do fanatico D. João III, e por isto a moeda de cunhos portugueses não faltava para acompanhar o movimento monetario.

Seguidamente o autor occupa-se da vida politica de D. Antonio, desde a sua elevação á realza até que morreu pobre e abandonado no exilio.

Na longa narrativa expõe, bem definida e comprovada, a historia da casa monetaria de Gorcum, restabelecida em 1583 por um particular, o moedeiro Hendrik van Veithuyzen, a instancias do francês Pierre Dor, que então era embaixador do rei proscrito junto dos Estados Geraes da Hollanda. A officina progrediu. Foi notavel a actividade que desenvolveu até 20 de Fevereiro de 1591, anno em que a municipalidade de Dordrecht ordenou a sua extincção. Até 22 de Fevereiro de 1586 cunhou moedas de ouro e de prata em nome de D. Antonio, moedas que circularam não obstante a inferioridade do seu quilate.

O livro encerra informações numismaticas, que interessam especialmente aos portugueses. Não resistimos ao empenho de apresentar o resumo de tres documentos comprovativos ali compendiados, que dão noticias até ao presente ignoradas; elles destroem considerações hypotheticas, que de longa data chegaram á actualidade no mesmo estado morbido em que nasceram.

Pelo documento n.º III sabe-se que Pierre Dor, em 10 de Outubro de 1583, ordenou ao moedeiro e proprietario da officina de Gorcum

que lavrasse cinco padrões de moeda de ouro e um só padrão de moeda de prata.

A ordem, tal qual foi expedida, diz:

1) La monnoye appelée le Portugues à son pois apertenant et d'alloy de vingt deux caratz et ung grain, remède deux grains libres.

2) Le milleres (moeda de dois cruzados) à son pois apertenant et d'alloy de vingt caratz, remède deux grains libres.

3) Le demy milleres (cruzado de 500 reaes) à l'advenant au mesme alloy.

4) L'escu de Portugal à petite croix (cruzado com a cruz de S. Jorge) à son pois apertenant et d'alloy comme le milleres.

5) L'escu de Portugal à haulte croix (cruzado com a cruz sobre o monte calvario) à son pois apertenant et d'alloy de dixneuf carats et demy, remède deux grains libres.

6) Le teston (tostão com a cruz da ordem de Christo) de Portugal pesant 30 pièces le marc et d'alloy dix deniers, remède deux grains d'alloy et deux estrelains au pois libres.

Pela traducção francesa do documento n.º XIV, a pags. 89-90, vê-se que foram cunhados estes padrões em 1583 e, posteriormente, outros de ouro, fracções do português, como se segue.

7) Le demi portugalois monnayée le 18 juillet 1585; son poids était exact et comportait 11 esterlins 12 as. On en avait frappé pour 1 mark.

8) Le quart d'un portugalois datant du 25 août 1585 dont on avait frappé un marck, 7 onces, 16 esterlins; pesait 5 esterlins 24 as.

9) Le seizième d'un portugalois datant du 25 août 1585; pesait 1 esterlin 12 as.

As tres moedas, 7) 8) 9), figuradas na estampa XXIX de Teixeira de Aragão, foram assinaladas com a letra P á esquerda do escudo de armas de Portugal com as respectivas designações fraccionarias á direita. Este autor interpretou, hypotheticamente, a letra P por *peso* e as fracções por subdivisões d'elle, o que não é exacto. O proprio documento acima referido trata o assunto rigorosamente á luz da verdade.

A moeda 7), n.º 5 de Aragão, $\frac{1}{2}$ —P, é o meio português, equivalente a 5 cruzados; a moeda 8), n.º 6 de Aragão, $\frac{1}{4}$ —P, é o quarto de português, ou dois e meios cruzados e a moeda 9), n.º 8 de Aragão, $\frac{1}{16}$ —P, é a decima sexta parte do português, equivalente a dois e meio tostões de prata. Lemos da direita para a esquerda, porque as legendas monetarias não se lêem do modo contrario. Seria inadmissivel ler em P— $\frac{1}{2}$ *português meio*.

Pelo documento n.º iv fica patente o motivo que deu lugar á cunhagem da imitação do franco de Henrique III, figurado sob o n.º 7 da estampa xxviii de Aragão.

Em 23 de Junho de 1584, Pierre Dor, por sollicitações da administração da casa monetaria de Gorcum, ordenou que fosse cunhada moeda de typo novo, do mesmo peso dos tostões, *de la mesme forme, philozomie, inscription et coing qu'il est pourtraict cy-dessous*, e juntou o desenho que se reproduz aqui.



A barbaridade artistica d'este esboço permite que hoje seja avaliada a competencia do diplomata na politica monetaria. Com effeito, cedendo ás sollicitações dos moedeiros, não viu que a sua excentrica imitação do franco henriquino seria necessariamente fatal ao exito do intuito interesseiro a que se propunha.

Não póde ser mais detestavel esta prova de incapacidade artistica, que os moedeiros aperfeiçoaram como lhes convinha¹. No exergo do busto foi impressa a letra A, que póde significar ANTONIVS; porém ANGRA é que não significa, porque é impossivel admittir que as moedas de Gorcum fossem criadas para viajar até ás Ilhas dos Açores, onde dominava o poder de Filipe II de Espanha desde 11 de Agosto de 1583, sabendo-se que as primeiras emissões appareceram depois de 10 de Outubro d'este anno, como já dissemos.

No reverso da moeda foram impressas as letras P R, (PORTVGALIE REX) talvez para que o vulgo as confundisse com a letra H, inicial de HENRICVS, collocada na parte central da cruz floreada dos francos autenticos. Os moedeiros, habeis na technica particularmente secreta do officio, com estas alterações amoedaram prata de 7 dinheiros! Desde então a moeda de D. Antonio soffreu grande abalo no seu credito antigo.

¹ Veja-se o n.º 7 da estampa xxviii de Aragão.

O facto contribuiu para que se mallograssem os esforços que o infeliz rei fez para angariar meios pecuniarios, provenientes dos direitos de senhoriagem, com que novamente se defrontasse com o poder do seu irreconciliavel inimigo, em cujas mãos a fatalidade e a influencia de traidores collocou o sceptro dos reis de Portugal.

Para concluir esta breve serie de noticias interessantes, diremos que não se deve estranhar que nas duas estampas do livro do Sr. Rollin Couquerque falte a moeda n.º 4 de Aragão, cuja legenda no reverso é TANDEM · BONA CAUSA · TRIVMPHAT, porque os seus cunhos já não existiam em Gorcum no anno de 1868, como Renier Chalon diz a pag. 32 da monographia *Don Antonio Roi de Portugal, son histoire et ses monnaies*. A moeda foi, como nos parece, *le milleres*, 2), ou dois cruzados de ouro.

O livro do Sr. Couquerque é escrito em francês. A linguagem, finamente burilada, e o assunto, de tão palpitante attractivo, delicia o leitor até á pagina final. Os 23 documentos comprovativos, que o autor encontrou em differentes archivos, principalmente nos judiciaes e communaes de Gorcum, dão á narrativa historica autenticidade que não tem contradita possivel.

Lisboa, Outubro de 1904.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Um castro com muralhas

Um das ruinas mais imponentes de muralhas castrejas são as que ainda hoje se podem ver na sertaneja freguesia de Cabreiro, concelho de Arcos de Valdevêz, em um alto cabeça situado numa ramificação da serra do Suajo, e chamado o *Crasto das Necessidades*. Explorei-o em Agosto de 1903.

A muralha, que o rodeia, tem uma extensão total de 440 metros e uma largura mais ou menos uniforme de 2 a 3 metros. As pedras que a compõem, não tiveram lavor algum, e são de dimensões muito variaveis. A tarefa de as conduzir das encostas e cabeços circumvizinhos é que se pôde considerar obra verdadeiramente titanica. O accesso para este alto é aspero, principalmente do lado do O., sobre o rio Vez, acima do qual se ergue 300 metros. Para E. o declive, com ser ainda muito forte, é mais suave, mas não deixaria de offerecer grande embaraço para o transporte do pesado material.

As pedras são brutas, e tiveram de ser procuradas a differentes distancias, onde os numerosos afloramentos graniticos tivessem sido cor-